

– ARTIGOS –

UMA EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O IMPACTO NA EDUCAÇÃO MUSICAL EM UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA: RELATO E REFLEXÕES ACERCA DA ATUAÇÃO DO PIBID MÚSICA UNIRIO

Lilia do Amaral Manfrinato Justi¹

Luisa de Castro Alves Villamizar²

Resumo: O presente texto relata a experiência vivida por duas professoras de música que atuam, uma na universidade e outra na educação básica, junto ao Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o PIBID de Música da UNIRIO. Os relatos indicam que tanto a formação inicial quanto a formação continuada dos professores de música podem ser beneficiadas por políticas públicas que fomentem o intercâmbio entre essas duas esferas. Os cortes orçamentários realizados na Educação Superior e que afetaram o funcionamento do PIBID depois de 2014, trouxeram desafios que as professoras procuraram enfrentar para corresponder ao envolvimento das duas partes na formação de novos professores de música. As autoras mostram que o contato com estudantes da universidade estimula reflexões sobre as práticas dos docentes, gerando mudanças e aprimoramentos, viabilizando novas pesquisas e trocas entre a educação básica e superior.

1 Lilia do Amaral Manfrinato Justi é doutora em Música pelo Instituto Villa-Lobos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2011), Mestre em Música pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996), Bacharel em Música (Piano) pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1989) e Licenciada em Educação Artística (Habilitação em Música) pelo Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário (2001). Pianista, é professora adjunta no Instituto Villa-Lobos -Centro de Letras e Artes da UNIRIO, onde dá aulas de Estágio Curricular Supervisionado, Processos de Musicalização e Piano Complementar. Foi coordenadora do PIBID Música UNIRIO entre 2015 e 2018 e atualmente coordena o projeto de extensão “Laboratório de Práticas Pedagógicas em Música”.

Contato: lilia4justi@gmail.com

2 Luisa de Castro Alves é Mestre em Música pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2011). Licenciada em Educação Artística pela Universidade Cândido Mendes (2013). Bacharel em Música (Piano) pela Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Em 2011, foi admitida no concurso para Professor Substituto de Percepção Musical, na Escola de Música da UFRJ, função que exerceu até o final de 2013. Desde junho de 2016, atua como professora de Educação Musical nas escolas da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro. Foi supervisora do PIBID Música Unirio no ano de 2017, atualmente vem cooperando com o projeto de extensão “Laboratório de Práticas Pedagógicas em Música da Unrio, o qual atua nas escolas em que leciona. Nos últimos anos, tem participado frequentemente dos cursos oferecidos pela Especialização Internacional em Educação Musical – CBM/Fladem, no qual é aluna do Curso de Pós Graduação Lato Sensu.

Contato: luli.alves@gmail.com

JUSTI, Lilia do Amaral Manfrinato; VILLAMIZAR, Luisa de Castro Alves. Uma experiência transformadora para a formação de professores e o impacto na educação musical em uma escola da rede pública: relato e reflexões acerca da atuação do PIBID Música UNIRIO. **Revista Fladem Brasil**, Rio de Janeiro, v. 01, n. 02, p. 35-55, jul. 2020.

Palavras-chave: PIBID Música, formação docente, formação continuada, música na escola pública.

Resumen: Este texto relata la experiencia vivida por dos profesoras de música que actúan, una a nivel universitario y la otra en enseñanza básica, en el Proyecto Institucional de Becas de Iniciación a la Docencia, el PIBID Música de UNIRIO. Las narrativas indican que, tanto la formación inicial como la formación continuada de los docentes de música pueden ser beneficiadas por políticas públicas que impulsen el intercambio entre estos dos niveles. Los recortes de presupuesto realizados en la Educación Superior y que han afectado el funcionamiento del PIBID después del 2014 han generado nuevos retos que las docentes buscan enfrentar para corresponder su la participación en la formación de nuevos profesores de música. Las autoras han mostrado que el contacto con los estudiantes universitarios estimula reflexiones sobre la práctica de los docentes, generando cambios y perfeccionamiento, posibilitando nuevas investigaciones e intercambios entre la educación básica y la superior.

Palabras clave: Programa Institucional de Becas a la Iniciación Docente, formación docente, formación continuada, música en la escuela pública.

Abstract: This paper presents the experience of two music teachers that teach, one at a university and the other at basic education levels, at the Institutional Project of Initiation to Education Scholarships, Music PIBID at UNIRIO. The narratives show that both initial training and continue training of music teachers can be beneficiated by public policies that foment the exchange between these two levels. Budgetary cuts applied to higher education have affected the performance of PIBID after 2014, and have generated challenges that these teachers try to face to correspond to the involvement of both parties in the qualification of new music teachers. The authors show that the contact of university students encourage reflection regarding new practices for teachers, generating changes and development, enabling new researches and exchanges between basic and higher levels of education

Keywords: Institutional Program of Scholarships of Teacher Training-subproject Music, teacher training, continuing education, music education at public schools.

A formação inicial e continuada no PIBID Música da UNIRIO

Neste relato procuramos registrar os avanços conquistados na educação pública do Rio de Janeiro por meio de uma política de apoio à formação docente, a saber, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), do Ministério da Educação. Nossa atuação se deu como professoras em esferas distintas do ensino público: a professora universitária que atuava como coordenadora do projeto, e a professora de educação musical na rede pública que desempenhava o papel de supervisora em sua escola, que fora contemplada pelo projeto do MEC. O PIBID³ tem

3 Segundo Marcelo Knobel, Reitor da UNICAMP, em prefácio de publicação do PIBID Unicamp em 2017, o PIBID foi criado em 2007 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), órgão do Ministério da

por objetivo promover a melhoria da escola básica através de uma formação docente mais próxima da realidade da escola pública brasileira⁴. Suas ações integram professores das universidades nos cursos de Licenciatura (coordenadores de área), das escolas básicas (supervisores) e os estudantes das licenciaturas (Iniciação à docência), além de funcionar em sintonia com outros programas do Ministério da Educação⁵. Cada universidade que se candidata ao edital da CAPES/MEC, nomeia um coordenador institucional, responsável pela seleção e aprovação dos subprojetos daquela universidade e também pela prestação de contas de todos os recursos ali empregados pelo governo. Os professores dos cursos de Licenciatura podem apresentar projetos de suas áreas (subprojetos do projeto institucional) e concorrer ao edital dentro da instituição. O funcionamento deste programa, criado em 2007, sofreu mudanças, porém existe até hoje, embora sobreviva com muitas restrições em relação ao seu formato original.

Na época em que se passavam as ações aqui relatadas, cada coordenador de área do PIBID era responsável por, pelo menos, 10 bolsistas de Iniciação à Docência e dois supervisores. Os bolsistas atuavam nas escolas onde os/as supervisores/as lecionavam e era através desta parceria que acontecia amadurecimento do vínculo dos licenciandos com a educação básica. No outro lado da mesma relação acontecia o reavivamento da vontade de estudar por parte do professor experiente. A coordenação de área se beneficiava, principalmente, por se atualizar sobre os problemas reais da escola para onde seus alunos deveriam estar aptos a atuar após terminassem seu percurso formativo. Os bolsistas de Iniciação à Docência, os supervisores, assim como os coordenadores de área eram todos remunerados com bolsas da CAPES para se dedicarem determinadas horas semanais ao projeto. Além do investimento do governo

Educação (MEC), que naquele período passou também a induzir, fomentar e avaliar a política de formação de professores da Educação Básica (em parceria com o Conselho Nacional da Educação e outras entidades federais, estaduais e municipais).

4 Conforme o edital que regulamenta o programa de bolsas, disponível no site da CAPES, o PIBID teria por objetivos: Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; contribuir para a valorização do magistério; elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica; inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem; incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como cofomadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura (BRASIL, 2018).

5 “É na formação inicial do professor que começa a qualidade da educação. A partir desse pensamento, a DEB fomenta três programas importantes. O primeiro, o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – Parfor, destina-se a professores que já atuam na rede pública, porém, sem a formação superior exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB; o segundo, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – Pibid, alcança alunos de licenciaturas – professores ainda em formação; e o terceiro, o Programa de Consolidação das Licenciaturas – Prodocência, busca promover a melhoria e a inovação nas licenciaturas, inclusive incentivando a atualização dos professores que formam professores” (Neves, 2015, p.5).

federal em bolsas, o programa contava com verbas para compras de materiais de consumo, passagens, ajuda de custo para os estudantes que faziam trabalho de campo em áreas rurais, além de outros itens tais como os que visavam o apoio à formação das equipes, a criação de materiais didáticos, à divulgação de resultados dos projetos, fomento de intercâmbio entre estudantes e professores universitários pelo país.

A experiência que relatamos neste artigo se refere ao projeto PIBID Música UNIRIO na forma como existiu durante o Edital de 2014-2018. Este edital foi marcado pela crise política que se instalou no país após a reeleição da presidente Dilma Rousseff em 2014. Para se ter uma ideia do tamanho que o PIBID tinha em comparação com o PIBID de hoje, basta conferirmos os dados do relatório do PIBID Unirio do ano de 2015 onde, segundo Fetzner (2018), o PIBID da UNIRIO contava com sete subprojetos, nos quais trabalharam 11 professores como coordenadores de área, 118 alunos bolsistas de Iniciação à docência, e 20 professores supervisores (da educação básica). Segundo relato verbal da atual coordenadora institucional do PIBID da UNIRIO em 2020, devido às inúmeras restrições que o novo edital impõe aos participantes, o PIBID foi muito reduzido em nossa universidade e conta hoje apenas com um subprojeto. Esta Coordenadora Institucional acumula o papel de coordenação de área de Matemática (embora só receba por uma das coordenações) e conta com a colaboração voluntária (sem remuneração) de outra colega da mesma área.

Apesar dos cortes de orçamento que sofreu durante sua vigência, a manutenção dos compromissos do edital do PIBID de 2014 só resistiu às ameaças de mais cortes, e até de sua total extinção, graças à forte resistência de seus participantes por todo o país. Porém, após a mudança de presidente e de toda a equipe ministerial do país, o novo edital do PIBID, publicado em fevereiro de 2018, apresentou modificações⁶ em sua estrutura o que levou muitos coordenadores de área a não se sentirem atraídos pela renovação de seus projetos.

Apesar da triste situação atual, é importante compreendermos que muitos dos valores que inspiraram os criadores do PIBID, assim como os seus participantes nos anos anteriores, podem ser os mesmos valores que levam professores e estudantes a optarem por manter seu engajamento no atual modelo. Porém, apesar das dificuldades, também continuam vivos nos que se decidiram por continuar seu trabalho pela educação através de outros percursos, se desvinculando do programa. Esperamos que

6 As principais modificações se deram pelo aumento de número de escolas a serem coordenadas por cada coordenador de área, nos critérios a serem adotados para a escolha das escolas básicas conveniadas, no aumento de bolsistas por supervisoras o que inviabilizaria a qualidade do trabalho de reflexão inerente à formação docente, e o apelo ao trabalho voluntário tanto da parte de estudantes quanto da parte de supervisores e coordenadores de área, enfraquecendo, assim, o caráter de assistência estudantil que caracterizava o PIBID até então como um excelente instrumento para diminuir a evasão dos licenciandos. Houve uma tendência em transformar o PIBID em reforço escolar, desvirtuando seu objetivo central como programa de formação docente.

nosso relato possa expor os valores aos quais nos referimos, na medida em que é através deles que acreditamos ser possível continuar trabalhando com Educação no Brasil.

O projeto PIBID Música UNIRIO (2014-2018) ganhou repercussão nacional ao disponibilizar em um canal do YouTube, o Banco Audiovisual de Atividades Pedagógicas em Música⁷. As atividades dos licenciandos em Música da UNIRIO eram supervisionadas inicialmente pela professora Dra. Silvia Sobreira (de março de 2014 a julho de 2015), e posteriormente, pela Professora Dra. Lilia Justi (de julho de 2015 a março de 2018).

Na reflexão aqui apresentada, buscamos reencontrar o fio condutor do trabalho de Educação Musical iniciado com o apoio do PIBID ao qual buscamos dar continuidade, mesmo depois do final do edital em março de 2018, através da atividade de extensão universitária. Ainda que nossas estratégias tenham sido reformuladas diante das mudanças externas que se apresentavam, buscamos consolidar novas perspectivas para a valorização e melhor preparo do docente em Educação Musical a fim de atender às expectativas do seu campo de trabalho principal: a escola básica pública.

Relato da Coordenadora do Subprojeto Música do PIBID UNIRIO

Quando comecei a trabalhar na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (doravante UNIRIO), assumi as atividades de graduação em música que vinham sendo realizadas pela professora Silvia Sobreira, que partia naquele momento para um pós doutorado na Inglaterra. Ao dar continuidade ao projeto Pibid Música da UNIRIO, idealizado por ela, procurei manter as ações ali desenvolvidas dentro dos objetivos e procedimentos propostos no projeto original. Estes consistiam de práticas pedagógicas realizadas pelos estagiários do curso de licenciatura em Música em duas escolas básicas.

Neste relato tratamos de um recorte deste projeto, ou seja, o trabalho realizado em uma das escolas, onde as aulas dos estagiários eram filmadas e estes vídeos eram posteriormente editados. Os vídeos postados no Banco Audiovisual de Atividades Pedagógicas estão disponíveis num canal do YouTube até hoje com o nome PIBID Música UNIRIO, porém, desde 2018 nenhum novo vídeo foi postado.

⁷ PIBID Música UNIRIO: <https://www.youtube.com/channel/UCjZW2xS-CIBTwfGBFXyO7Eg>, em acesso no dia 24 de setembro de 2020, 15:27h.

Nosso PIBID teve um funcionamento especial por ter sido inspirado num projeto de extensão criado pela minha antecessora muitos anos antes do aparecimento do programa de iniciação à docência do MEC. Na ocasião em que ela desenvolvia o projeto de extensão com os licenciandos, as atividades de musicalização eram praticadas por estes com alunos de uma escola pública, sendo que na mesma não havia um professor concursado para desempenhar esta função. Eram os próprios alunos da universidade que desempenhavam a docência em música através do projeto de extensão daquela época. Segundo relato da ex-coordenadora ao comparar o projeto que desenvolvia e sua posterior adaptação ao PIBID, o que melhorou muito foi a possibilidade de angariar recursos humanos e financeiros que antes não existiam: maior número de bolsistas⁸; um supervisor (professor da escola) e o apoio financeiro do PIBID que permitiu à coordenadora adquirir materiais permanentes, tais como um projetor, uma filmadora e um laptop, além de material de consumo (como papelaria, armarinho, ferramentas), utilizados na criação de materiais didáticos necessários para a realização das atividades desenvolvidas e propostas pelo subprojeto PIBID Música.

Ao assumir a coordenação do projeto em julho de 2015, me impressionava o aspecto prático que predominava, permitindo que nossos estagiários aprendessem a ensinar, ensinando. Busquei identificar os eixos existentes no projeto, ou seja, de um lado o estágio, com as aulas de música para crianças, realizadas durante o horário do turno da manhã e da tarde. Essas aulas eram ministradas pelos estagiários e bolsistas do PIBID, contando também com a presença das professoras regentes das classes na sala⁹ de suas respectivas turmas. De outro lado, as oficinas que eram oferecidas durante os contraturnos, tinham o perfil de atividades de extensão, dado ao seu caráter de participação voluntária das crianças e à conexão do conhecimento acadêmico dos licenciandos com as práticas musicais da comunidade escolar.

No eixo de estágio, os estudantes atuavam sempre em duplas, sendo responsáveis respectivamente por cada turma de 1º ao 5º ano da escola. Planejavam os conteúdos e os procedimentos metodológicos a serem adotados e, algumas vezes simulavam as atividades em nossas aulas da universidade para que se sentissem mais organizados e seguros antes do contato com as crianças. Havia um dia da semana (sexta-feira) em que eu estava presente na escola e acompanhava as aulas que eram

8 Devemos lembrar que a assistência estudantil nem sempre foi adequada à demanda da sociedade brasileira. Com as bolsas do PIBID, muitos estudantes puderam mudar esta situação, dedicando seu tempo às tarefas do projeto, tornando assim suas próprias formações docentes mais bem sedimentadas e potentes através das experiências práticas vividas por eles.

9 No momento em que assumi a coordenação a escola já havia designado uma das salas para as atividades do PIBID às sextas-feiras durante o dia todo. No entanto, como o número de estagiários era grande e eles assumiam mais de uma turma ao mesmo tempo, algumas vezes elas aconteciam concomitantemente e por isso, algumas aulas eram realizadas dentro da sala de aula das próprias turmas.

realizadas pelos estagiários e bolsistas, nos dois turnos. Neste dia, o meu papel era o de acompanhar e coordenar as aulas de música na escola, fazendo pequenas intervenções quando necessário, filmando as atividades, embora dividisse essa tarefa com os bolsistas já que algumas aulas eram simultâneas.

É importante ressaltar que na UNIRIO os estagiários têm aulas semanalmente com o professor supervisor de estágio e que, durante estes encontros, muitos relatos acontecem. Os alunos chegam com muitas dúvidas e eu, como professora de estágio, sempre discuto com eles sobre modelos de planejamento de aula, sobre as propostas que levam para as aulas na escola, etc. No decorrer da vigência do PIBID, este momento era enriquecido pelas vivências em conjunto numa mesma escola, sempre com minha presença e dos bolsistas do PIBID. Porém, nas aulas internas de estágio na UNIRIO, no meu diálogo com meus alunos, eu buscava estimulá-los a compartilhar seus planejamentos e a fazerem relatos de suas experiências de sala de aula entre seus colegas de estágio. Outra estratégia importante era a de assistirmos às aulas filmadas para comentarmos os processos de ensino-aprendizagem que aconteciam no contexto escolar. Nestes momentos, ao se verem em cena, de fora, muitos deles percebiam melhor alguns aspectos que discutíamos. Além disso, se interessavam mais por buscar soluções para suas inseguranças ou dificuldades, especialmente sobre ao modo de se relacionar com as crianças. Durante estes debates, a partir de reflexões individuais dos estudantes, muitas sugestões surgiam entre eles próprios visando a resolução dos problemas relatados. Ou seja, minha função como professora de estágio e ao mesmo tempo coordenadora do PIBID, era procurar acompanhar as discussões dos estagiários para levantar aspectos, aprofundar conceitos pedagógicos e metodológicos que surgiam, compartilhar leituras e, a partir desses debates, encontrar material importante para as edições dos vídeos, durante as reuniões de bolsistas do PIBID. Partíamos da prática para construir, como preconizam Pimenta e Lima apud Fialho (2006), um estágio reflexivo.

Uma Pedagogia Aberta, defendida pelos idealizadores do Fórum Latino-Americano de Educação Musical, como relatado por Brito (2012), nos parece hoje a que mais se aproxima da abordagem que senti ser necessária ao funcionamento deste projeto. Uma pedagogia que não adotava um único modelo pedagógico, posto que os alunos traziam suas próprias trajetórias de formação antes da universidade e depois, haviam feito disciplinas pedagógicas na UNIRIO com diversos colegas meus, cada qual tratando de concepções diversas a respeito da Educação Musical. Estes licenciandos haviam escolhido percursos de formação muito diferentes uns dos outros, visto que o currículo da UNIRIO dá a eles o direito de escolher temas diversos oferecidos por todos os professores do Instituto Villa-Lobos através da disciplina "Processos de Musicalização" (doravante PROM). Todo este universo humano era reunido através do

estágio e do PIBID numa mesma escola da rede municipal, onde se fazia música com crianças, levando em conta suas próprias histórias de vida, suas músicas, seus repertórios, seus modos de perceber o mundo. Posto isso, é importante ressaltar que os indícios das formações, dos caminhos trilhados, da cultura desses alunos, os métodos pedagógicos trazidos por eles, originários do modo como eles próprios haviam aprendido música ou das disciplinas do curso de Licenciatura em Música da UNIRIO que haviam frequentado, iam sendo revelados em cada proposta colocada em prática com as crianças da Escola.

Percebo hoje que vivíamos ali um modelo artístico aberto, como descreve Simonovich (*apud* Brito, 2012), no qual podiam conviver diferentes bagagens dos sujeitos envolvidos, o que possibilitava um trabalho de coordenação pedagógica com menos controle e mais liberdade para os estagiários.

Abertura é eliminar preconceitos, arrogâncias e dogmatismos, aceitando outros modos de organização do ensino. Mas [...] a real abertura é mental, é a aceitação, a compreensão e o aproveitamento da diversidade estética, filosófica, pedagógica, ideológica e musical. É também a predisposição para agregar, para experimentar novas propostas e manter-se atento ao que emerge. O contrário da abertura é o fechamento, a limitação, a estagnação. Concluindo, a abertura pedagógica é uma posição humanista no campo da educação. (Simonovich, 2009 *apud* Brito, 2012. p.114).

Assim, as edições dos vídeos, realizadas por alguns dos pibidianos, eram trazidas para as reuniões quinzenais do PIBID Música para serem novamente analisadas e reeditadas com a participação de todo o grupo de bolsistas, supervisoras e coordenadora. Nestes momentos, era possível identificar aspectos interessantes e inserir comentários nos vídeos através de legendas, nas quais descrevíamos procedimentos metodológicos, objetivos das atividades, alertas sobre possíveis dificuldades e conquistas artísticas das crianças. No ano de 2016, a produção destas edições chegou a 11 vídeos.

Na escola, além das aulas de música, nossos bolsistas haviam criado também duas oficinas que aconteciam na hora do almoço, em dias diferentes da semana: uma de "Canto Coral" e outra denominada "Orquestra de Flautas".¹⁰ Estas oficinas tinham uma característica diferente do eixo de estágio pelo fato de não serem obrigatórias nem para as crianças nem para os bolsistas que haviam criado as oficinas. Nelas os estudantes viam um espaço privilegiado para desenvolverem projetos que tivessem relação direta com seus interesses artísticos e pedagógicos. Trabalhavam um repertório selecionado entre as preferências das crianças, experimentavam

10 Sobre este trabalho, ver o Trabalho de Conclusão de Curso de Marcos Silva, ex pibidiano, presente no site do Curso de Licenciatura da Unirio. <http://www.domain.adm.br/dem/licenciatura/monografia/marcossilva.pdf>.

práticas pedagógicas abertas, dado o viés adaptativo destas propostas às construções dos próprios alunos da escola: jogos musicais, uso do movimento corporal, arranjos musicais que visavam a participação das crianças e dos colegas da universidade com os instrumentos disponíveis. Os resultados destas experiências eram apresentados à comunidade escolar no final de cada semestre e o processo de construção era muito valorizado por todos.

Com a formatura de alguns bolsistas de Iniciação à Docência, ao final do segundo semestre de 2016, tivemos que superar o desafio de substituí-los. A fase de uma nova formação da equipe¹¹ teve que ser retomada e a organização de um ciclo de palestras¹², ao longo do ano letivo de 2017, foi a estratégia ideal para este momento de reformulação do projeto. Convidamos professores-pesquisadores, escolhidos pelos próprios bolsistas, e foi muito gratificante poder contar com a colaboração destes profissionais mesmo não havendo recursos financeiros disponíveis para pagá-los. Estes eventos foram compartilhados com toda a comunidade acadêmica e aberta ao público.

No ano de 2016, ao definir os eixos de funcionamento de nossa interação com a escola vinculada ao programa, procurei formalizar as oficinas por meio da aprovação de um projeto de extensão pelo Departamento de Educação Musical, seu registro na Pró-Reitoria de Extensão em Cultura (PROEXC) e posterior aprovação pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro (SME). Ao oficializar o estágio na SME, houve a exigência da presença de um professor de música na escola. Depois do primeiro impasse, sugeri que a coordenadora da 2ª Coordenadoria Regional de Educação nos ajudasse, enviando para a escola em questão, um professor de música concursado, o que foi feito. Em razão disso, temos hoje a professora Luisa de Castro Alves que tem sido a pessoa central na articulação entre a escola e a universidade. A professora Luisa trabalha em duas escolas da prefeitura, ambas localizadas na zona sul do Rio de Janeiro. Em 2017, último ano de vigência do Edital de 2014-2018, ela também assumiu o cargo de supervisora do PIBID Música e assim, incluímos ações do PIBID nas duas escolas onde ela leciona.

O final do Edital do PIBID e a decisão de continuarmos o trabalho da UNIRIO nas escolas onde já havíamos fincado raízes, trouxe desafios. Como continuar a

11 Etapa prevista no Manual de Execução de Despesas do PIBID (vide referências bibliográficas).

12 No Ciclo de Palestras sobre Música e Educação Pibid Música Unirio, tivemos temas escolhidos pelos bolsistas. Contamos com a presença de Patrícia Costa falando sobre o Coro Juvenil, Adriana Rodrigues propondo uma reflexão sobre Cultura Popular, Claudia Leão sobre música na Educação Infantil, Luiz Carlos Peçanha falando sobre o Método Gazzi de Sá, Lucas Ciavata falando sobre o conceito de Posição e o método O Passo, José Eduardo Costa Silva nos trouxe uma reflexão sobre as articulações da Música e Educação na Filosofia Grega e finalizando o ciclo, a professora Adriana Miana com uma palestra-oficina sobre Percepção - O Lúdico na aprendizagem.

realizar o trabalho de educação musical sem as bolsas? Como atrair o interesse dos alunos para realizarem oficinas, aderindo ao compromisso semanal, com horários fixos, sem que aquilo fizesse parte da "grade curricular obrigatória" dos licenciandos? Até aquele momento, havíamos contado com os estagiários como principais atores das práticas com as crianças na escola, pois o interesse deles coincidia com as necessidades do projeto.

O novo projeto de extensão que criei foi aprovado no edital anual aberto pela Pró-Reitoria de extensão da universidade (PROEXC/UNIRIO) e teve início de suas atividades em março de 2018. Visava, além de dar apoio às oficinas que os estudantes haviam criado durante a vigência do PIBID, que os extensionistas da UNIRIO fizessem das escolas da prefeitura um "Laboratório de Práticas Pedagógicas em Música". diferente do PIBID que contava com uma grande quantidade de alunos de estágio, estas práticas seriam criadas pelos extensionistas nas aulas de PROM. Se aprendessem a realizar improvisações com percussão corporal nas aulas de PROM-Orff, por exemplo, poderiam exercitar o domínio destas habilidades em atividades com as crianças das escolas conveniadas. Caso estivessem encantados com as verbalizações rítmicas do método Gazzi de Sá de um outro professor de PROM, poderiam criar atividades para experimentar tais abordagens com crianças das classes de ensino fundamental, por exemplo. Os ritmos dos movimentos naturais conhecidos pela abordagem dalcrozeanas, seriam excelentes para atividades iniciais dos ensaios do coral das crianças, e assim por diante... Isso até funcionou esporadicamente, porém sem a regularidade que faria disso um compromisso social, aquilo que caracteriza a extensão universitária: deixar expandir o conhecimento construído dentro da universidade para fora de seus muros.

A realidade difícil que estes estudantes encaram, muitas vezes por viverem em bairros muito afastados do campus da UNIRIO, numa cidade grande, onde os deslocamentos são sempre demorados, tira deles um tempo precioso que lhes falta para tais práticas. Assim, a formação destes futuros professores acaba por se resumir àquilo que são "obrigados" a fazer pela carga horária imposta pelo Projeto Pedagógicos do Curso (PPC). Esta questão atravessa todas as tentativas de engajamento dos alunos em atividades "não obrigatórias" e demanda uma conscientização das necessidades sociais de sua futura área de atuação profissional.

Ao apostar na atividade de extensão como substituto das ações do PIBID Música UNIRIO, imaginei que haveria grande demanda dos alunos, já que, segundo o Plano Nacional de Educação, 10% da carga horária obrigatória dos cursos de graduação devem ser de atividades de extensão. Acreditei que essas regras do PNE iriam ser implementadas em breve e que por isso, não haveria falta de alunos para darmos

continuidade às experiências nas escolas. No entanto, as reformas curriculares pelas quais estamos passando em todos os cursos de licenciatura no país, vem sendo proteladas por inúmeras mudanças de regras do Ministério da Educação que exigem novos ajustes dos PPCs e o adiamento do vínculo das graduações com atividades de extensão na medida que o país precisa.

Notamos que, apesar disso, o mesmo compromisso que existia por parte dos bolsistas do PIBID se manteve no compromisso que o bolsista de extensão passou a exercer. Porém, o número destes bolsistas decresceu drasticamente, de modo que não era mais possível manter tantas ações em andamento: no coral, orquestra de flautas e ainda em atividades de acompanhamento dos estudantes de PROM. Assim, tivemos que admitir que a extensão precisava se manter atrelada às atividades de estágio para que o projeto produzisse a interação do tamanho necessário entre as instituições. Ambas as atividades curriculares se complementam e contribuem para que a UNIRIO se expanda e atinja a população da escola básica.

Concluimos que, enquanto o PIBID não volta ao modelo original, comprometido com a formação inicial e continuada de professores, devemos fortalecer a extensão universitária, permitindo que o tempo dos estudantes na escola básica seja mais valorizado e possa continuar contribuindo para a aproximação das realidades das duas esferas complementares da educação pública brasileira.

Relato da professora de Educação Musical da Rede Pública de Ensino

É inquestionável a importância do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência para a formação docente do licenciando, mas o desenvolvimento deste projeto em sua totalidade só se torna possível quando a escola contemplada está aberta a recebê-lo, orientando e apontando os reais desafios, adversidades, necessidades e possíveis caminhos de trabalho, confiando também, às instituições envolvidas certa autonomia nas tomadas de decisão pelos participantes envolvidos: bolsistas, coordenadores e supervisores.

A escola onde a experiência relatada nesse artigo acontece, foi um caso muito particular de eficiência do PIBID, por ter desenvolvido e estabelecido o ensino de música independentemente da presença de um professor de educação musical da rede municipal ministrando esta disciplina, antes mesmo da existência do programa federal.

Conforme foi relatado acima pela professora da universidade, é real e necessário o estabelecimento de uma prática docente em música melhor solidificada, para que possa atender, fortalecer e valorizar o ensino de música de acordo com as diferentes realidades e possibilidades que se apresentam nas escolas regulares (principalmente

quando falamos do ensino público). Acredito que se bem estabelecidas as bases para um ensino mais ativo, que valorize outros saberes que não apenas os de modelo tecnicista, a evasão de alunos em qualquer nível (básico ou superior) poderia ser bem menor do que é hoje em dia.

A atuação do PIBID subprojeto Música, até o ano de 2017, não contava com um supervisor que fosse regente da disciplina de educação musical. De 2015 o até o final de 2016, essa função foi desempenhada pela professora da Classe Especial (TGD). Ela havia sido muito atuante junto às coordenadoras Silvia e Lilia com um trabalho de aproximação dos licenciandos ao universo da educação especial, e também no que dizia respeito às necessidades da escola, estabelecendo o contato entre os alunos da escola, os estagiários e os bolsistas universitários. É necessário ressaltar que além do subprojeto Música, atuava também na mesma escola, o subprojeto de Pedagogia, sob supervisão da professora do 1º ano do Ensino Fundamental I.

No entanto, a presença do professor de música da rede se fez necessária para a continuidade da prática de estágio supervisionado, uma vez que a escola recebe estagiários provenientes do curso de Licenciatura em Música.

Particularmente, foi um grande desafio me estabelecer como professora de Educação Musical em uma escola que já tinha essa prática muito bem estabelecida e consolidada. Me perguntava como poderia agregar algo a mais como professora ou como supervisora.

Entretanto, ao longo do segundo semestre de 2016, fui me surpreendendo na medida que ia aprendendo sobre o funcionamento do projeto, podendo assim me integrar a ele, enquanto me estabelecia aos poucos na escola. Pude contar com excelentes estagiários e bolsistas que coloriam nossas aulas de música, com muita alegria e dedicação aos alunos. Havia uma diversidade de instrumentistas de alto nível, colaborativos e participativos, muitas vezes até sendo lideranças nas Oficinas Musicais em que já atuavam. Este período também foi marcante pois alguns dos bolsistas veteranos do PIBID estavam se formando na Universidade e logo iriam deixar o projeto. Além disso, havia um grande número de estagiários na escola que deveriam ser incluídos nas aulas de música para turmas da Educação Infantil, Educação Especial e das turmas de 1º ao 5º anos.

Era então necessário absorver alunos estagiários e/ou bolsistas na escola, estabelecendo um diálogo maior entre a universidade/ instituição e o projeto pedagógico na rede municipal, acompanhando e refletindo sobre metodologias de ensino/ aprendizagem durante as reuniões quinzenais do PIBID na UNIRIO que frequentei. Somente a partir do ano de 2017, que assumi oficialmente o cargo de supervisora, dando continuidade aos projetos já existentes.

A partir do ano seguinte, com a mudança do quadro de bolsistas e passado o meu primeiro contato, pudemos dar novos passos, renovando a atuação do programa nas escolas a ele vinculadas, uma vez que gostaria de ampliá-la para as escolas da rede pública municipal em que leciono. Foi necessária a convocação de novos bolsistas obedecendo o pré-requisito de possuírem determinadas competências para dar continuidade, junto à nova professora de música, às Oficinas de Canto Coral e Flauta Doce já existentes, bem como a gravação e edição dos vídeos de ensino musical.

Como todo projeto que passa por mudanças, ainda que pequenas, o PIBID Música UNIRIO encontrou algumas dificuldades e desafios ao se reestruturar com novos integrantes. No entanto, como supervisora, me dediquei bastante ao pesquisar e experimentar novos materiais pedagógicos herdados da experiência anterior do PIBID na primeira escola, assim como os instrumentos que foram construídos ou doados pelos antigos acadêmicos. Tive acesso aos vídeos e arquivos já editados pelos bolsistas anteriores, podendo conhecer um pouco mais sobre a trajetória do ensino de música naquela unidade de ensino. Frequentei as palestras organizadas pelo programa naquele ano, além de ter participado das reuniões onde estavam presentes a coordenadora, bolsistas e também a supervisora de uma outra escola municipal que igualmente fazia parte do PIBID/Música. Fora da universidade, também buscava aprimorar e ampliar meus conhecimentos, participando dos cursos¹³ oferecidos pela Especialização em Educação Musical CBM/Fladem, compartilhando as propostas ali apreendidas, bem como materiais, instrumentos, livros adquiridos com os alunos de licenciatura. Essas experiências possibilitavam uma renovação de saberes e reflexões sobre a prática docente, uma espécie de formação continuada onde era possível buscar caminhos e soluções em conjunto a fim de superar os desafios encontrados. Este fluxo contínuo de compartilhamento de ideias e conhecimento, inspira-me a defender uma educação musical de qualidade, dentro do ensino público. Como resultado desse convívio, visando aproximar cada vez mais o ensino de música na escola básica com a formação de professores no nível superior, tivemos a possibilidade de levar os alunos da escola municipal a se apresentarem em diversos eventos acadêmicos, como a Semana de Integração Acadêmica, assim como em eventos da Rede Municipal. Desta forma, ganhávamos visibilidade dentro da escola, a partir das apresentações artísticas para os alunos, professores funcionários e pais, mas também, fora dela.

13 As oficinas, encontros e debates oferecidos pelo FLADEM se torna um importante processo de formação continuada, não só para os estudantes de graduação, mas também para os professores, seja de nível básico ou universitário.

Esses eventos artísticos eram a concretização de todo um planejamento norteado pelos projetos políticos pedagógicos da escola, das percepções das crianças e das possibilidades de recursos que dispúnhamos. Compactuo com o conceito de Simonovich de "modelo artístico" para a educação musical.

O modelo artístico de educação musical é o mais adequado ao trabalho, uma vez que a música é uma arte, [...] trabalhar com música a partir da música, construindo conhecimentos a partir de um fazer sensível e inteligente, diferente de um fazer meramente empírico. Com as reflexões e fundamentos teóricos pertinentes e sempre com base na experiência vivenciada pelo aluno e, especialmente, contando com um elemento que se destaca na arte, que é a já mencionada criatividade que surge de maneiras e modos inesperados, invalidando uma planificação exaustiva, de curto prazo (Simonovich, 2009, *apud* Brito, 2012, p. 31).

A partir de uma prática interdisciplinar, pude me aproximar mais dos meus colegas de trabalho (professores regentes, de inglês, educação física, artística e artes cênicas), levando as propostas dos projetos políticos pedagógicos das escola para nossas reuniões do PIBID/ Música que ocorriam na universidade, tendo em vista uma melhor articulação das diferentes instituições envolvidas. É válido ressaltar que dessa parceria, a escola se apresentou, em agosto e outubro de 2017, na XXXIV Mostra Municipal de Dança, sendo uma das finalistas, exibindo um número que envolvia os alunos das oficinas de Canto Coral, Tecido Acrobático e Dança. Nossos alunos da rede municipal também se apresentaram na universidade, ainda no final daquele ano, com um trabalho que chegou a envolver os alunos da Orquestra de Flautas e Canto Coral junto aos bolsistas do PIBID dos subprojetos Letras e Música. Este número artístico foi o resultado da realização de uma proposta de arranjo envolvendo MPB, funk e prática de improvisação de letras, durante alguns ensaios da oficina da Orquestra de Flautas, que levou os alunos a vivenciarem o conceito de R.A.P. Depois dessa experiência, algumas crianças criaram textos para uma performance artística durante uma apresentação realizada numa praça perto da escola. Tal performance fez parte do movimento nacional que houve para dar continuidade ao projeto, o "Fica PIBID".

A identidade estabelecida entre os estudantes da universidade e as crianças pode ser compreendida através da reflexão de Swanwick, que ressalta a importância de respeitar o 'discurso musical do aluno' e do seu desejo de ser competente (*apud* Mendes, 2017, p. 152). A criação de poesia com ritmo inspirada na proposta dos pibidianos em sala de aula, e a sua transposição para um momento de exposição pública do grupo, nos leva a crer que o projeto ofereceu liberdade para o nascimento de um espaço criativo para estas crianças. Este foi um momento dos mais significativos para todas as pessoas que estavam ligadas ao PIBID naquela fase do projeto.

Sabemos o quanto tem sido importante essa troca tanto para os estudantes da escola básica quanto para os universitários. Durante as minhas aulas, tentava sempre integrar os licenciandos nas turmas que participavam, fosse tocando um instrumento

(geralmente, os estagiários da universidade são muito bons instrumentistas, improvisadores e arranjadores), ou auxiliando na condução de uma atividade ou até mesmo, trazendo ideias e vivências de suas experiências para com os alunos, o que tornava nossas aulas tão únicas. As trocas entre nós têm sido sempre muito ricas, tanto que muitas vezes, alguns desses estagiários ainda retornam em outros semestres para frequentar o estágio docente na escola, seja durante as aulas regulares, seja nas oficinas e apresentações artísticas das crianças. É necessário reforçar a importância de um estagiário ativo, crítico, menos passivo ou alheio ao processo, como também a presença de um professor de música que seja sensível, flexível e disponível, criando um espaço necessário onde o estagiário possa criar algum vínculo com as crianças, com os projetos e com a escola. Todos esses fatores contribuem para que o estagiário se sinta mais seguro frente aos desafios e dificuldades que enfrentamos na profissão.

No entanto, infelizmente, a atual crise econômica nacional e mundial, tem impactado em todas as instâncias da vida social brasileira, principalmente no que se diz respeito à verba destinada à educação e à pesquisa, que afetam especialmente a esfera do ensino público desde a base até a formação superior. No final de 2017, após anos de luta e engajamento das comunidades escolares, acadêmica e também das famílias que reconheciam a importância e seu potencial de transformação dentro da vida escolar, o PIBID quase foi extinto. Não fosse pelo fórum de debates (FORPIBID) e os apelos nas redes sociais que levaram a público a uma inquietação nacional e a críticas ao governo. As manifestações por todo o território nacional do "Fica PIBID" foram fundamentais para que, apesar dos tempos difíceis, o projeto pudesse sobreviver.

As mudanças implementadas para o novo edital do PIBID em 2018 descaracterizaram o projeto de iniciação à docência. Conseqüentemente, muitos coordenadores acabaram se desvinculando do programa, interrompendo assim o fluxo de trocas entre as diversas esferas de ensino público, já tão debilitado e frágil. De acordo com Felice e Cesar (2018), o fato do novo edital não ter por objetivo a reflexão do fazer pedagógico, nem o espaço para a realização de atividades que visassem criação, conexão interdisciplinar e diversidade, poderia ter sido uma força contrária à continuidade do projeto nos moldes em que ele foi implementado pelo MEC em 2007.

Ainda assim, felizmente, por vontade, compromisso e consciência do papel que o programa representava nos âmbitos escolares e universitário, nos dispusemos a seguir trabalhando em conjunto, nos readaptando às possibilidades que existiam através da extensão universitária. Evitávamos assim o total desaparecimento dos laços já estabelecidos, permitindo dar continuidade ao intercâmbio de saberes e vivências entre as instituições envolvidas. Houve um consenso a respeito dos caminhos para

viabilizar um ensino de qualidade e, como é sugerido por Santos (2005, apud. Sobreira 2008), o tipo de parceria que fizemos permitiu fecharmos o círculo entre o nível superior (graduação e pós graduação) e básico, fazendo circular entre esses níveis questões decorrentes de uma reflexão-ação.

Os anos de 2018 - 2019, mantendo o vínculo através do projeto de extensão - Laboratório de Práticas Pedagógicas em Música

Os anos que tivemos a experiência do PIBID na escola trouxe muitos saldos positivos e entre eles, a continuidade da parceria, mesmo após o final do Edital do PIBID em março de 2018. Um dos ex-bolsistas do PIBID, que havia ingressado ao programa em 2017 foi um importante elo entre o que já havia sido feito na escola até então e as perspectivas de atuação que dispúnhamos a partir de março de 2018. Pessoa com muita experiência em regência coral, canto, arranjo e improvisação, este bolsista trouxe aos ensaios dos coros das duas escolas, uma colaboração essencial, pois pudemos nos alternar nas atuações durante os ensaios.

Nossa interação decorria em diversos aspectos: fosse tocando piano, fosse para as escolhas dos vocalizes e exercícios lúdicos, pensados para as crianças a fim de adquirirem uma consciência corporal na prática musical, assim como a pesquisa e escolha do repertório ao longo do ano, avaliando sempre em conjunto com os alunos que também traziam seus gostos e ideias para nossas aulas. Ainda que esta atuação do bolsista não ocorresse nas demais aulas de música da grade horária (mas a presença dos estagiários permanecia), pude perceber que ao longo deste ano, tivemos um maior enfoque do bolsista para os projetos que aconteciam no contraturno da escola, onde os nossos alunos reconheciam nele uma figura de liderança, de referência, nutrindo uma relação carinhosa. É necessário lembrar que nessas aulas, também recebíamos alunos do estágio que participavam ativamente dos processos de musicalização, muitas vezes o próprio bolsista tinha a iniciativa de orientar os arranjos que os estagiários tocariam em seus instrumentos, vocalizes ou atividades coletivas. Porém, ao final daquele ano letivo, esse licenciando se formou e tivemos novamente que solicitar um novo bolsista para permanecer nas oficinas realizadas nas escolas, para o ano seguinte. Foi então que após ter acompanhado ao longo de dois semestres as aulas de música e ensaios nas duas escolas em que atuo, um dos estagiários se tornou então o novo bolsista do projeto de extensão. Com instrumento principal diferente do anterior, este era um exímio violonista e tinha muito interesse em pesquisas sobre cultura e educação, trazendo outros saberes durante nossas conversas ao fim dos ensaios

Por conta dos projetos políticos pedagógicos (um sobre meio ambiente e outro sobre mulheres inspiradoras) adotados para o ano letivo de 2019 por cada uma das escolas, somado ao material que tive acesso após ter participado de um curso oferecido pelo Fladem (janeiro de 2019), decidi apresentar às crianças da oficina de canto coral, as gravações da professora, compositora e instrumentista Sula Kossatz.

Os alunos mostraram grande interesse por aquele repertório e, a partir disso, selecionei algumas de suas composições que iríamos trabalhar ao longo do semestre as quais seriam adequadas, inclusive para elaborar as apresentações musicais no decorrer do ano letivo e para as culminâncias ao final de cada semestre. As canções escolhidas se relacionavam à preservação do meio ambiente, ao folclore e ao lúdico do imaginário infantil, resgatando brincadeiras tradicionais e populares.

Nossos ensaios se concentraram em um primeiro momento a aprender esse novo repertório e, a partir das ideias trazidas pelas crianças, fomos construindo o formato do que seria a nossa apresentação musical. Pedi para que os alunos trouxessem sucatas, explorando as possibilidades sonoras que o objeto poderia oferecer. Ao longo dos encontros dos corais e das flautas, eu e o bolsista sentávamos no chão, em roda, com os objetos coletados e explorávamos com os alunos as possibilidades musicais que ofereciam; aos poucos, iam somando-se uma flauta, um canto, uma dança nesse processo.

As reflexões acerca da dinâmica dos ensaios levaram a coordenadora e o novo bolsista a propor que fossemos assistir uma aula da disciplina PROM na universidade, a qual se dedicava à construção de instrumentos musicais a partir de materiais reciclados. Adaptamos as experiências ali vivenciadas aos ensaios com as crianças; além disso, em uma das oficinas do coral, de uma das escolas, os alunos chegaram a construir um enredo musical para as músicas compostas pela artista Sula Kossatz. Em geral, nossos ensaios tinham um caráter de improvisação, através de jogos musicais, da experimentação, do exercício criativo, reflexivo e perceptivo que as vivências ofereciam. De acordo com Brito,

na metodologia proposta pelo compositor e educador Koellreutter, a criação ocupa um lugar importante, sendo uma ferramenta fundamental. Sua prática permite vivenciar e conscientizar importantes questões musicais, que são trabalhadas com aspectos como autodisciplina, tolerância, respeito, capacidade de compartilhar, criar, refletir etc. O professor entende que por meio da improvisação, abre-se espaço para dialogar e debater com os alunos e, assim, introduzir conteúdos adequados. Não há nada que precise ser mais planejado do que a improvisação. Para improvisar é preciso definir claramente os objetivos que se pretende atingir. É preciso ter um roteiro, e a partir daí trabalhar muito: ensaiar, experimentar, refazer, avaliar, ouvir, criticar, etc. O resto é vale tudismo!. Para Koellreutter, “toda improvisação deve ter uma finalidade musical e também humana, como, entre outras, desenvolver a concentração (autodisciplina)”, já que “o objetivo [maior] da educação musical é o ser humano”. (Brito, 2001, p.45-46).

Em conjunto com as crianças, criamos o cenário, adereços, instrumentos e ensaiamos nosso “teatro musical”, tendo o acompanhamento ao violão de nosso bolsista, reunindo as crianças das duas escolas que cantavam e tocavam flauta. Durante alguns dias do Sábado Carioca (um projeto da SME – Rio), pudemos intensificar os ensaios semanais, aproximando as crianças e suas famílias através de uma apresentação pública, uma pré-estreia para toda a comunidade, antes de levar nossa montagem para a Semana de Integração Acadêmica (SIA) na Unirio. Este evento reúne todos os projetos de ensino, extensão e pesquisa da universidade em apresentações artísticas, acadêmicas e posters.

Tenho que ressaltar e agradecer aqui imensamente o apoio dos meus colegas de trabalho nas escolas, pais de alunos e aos professores da Unirio que também são colaboradores do projeto de extensão. Esse trabalho, fruto do projeto Laboratório de Práticas Pedagógicas em Música, acabou sendo premiado em 2º lugar na modalidade Apresentação Cultural, na 17ª Semana de Integração Acadêmica, no dia 25 de outubro do mesmo ano.

Se por um lado, a experiência adquirida como supervisora possibilitou a realização de uma formação continuada através do contato e diálogo com outros educadores, dentro e fora do âmbito universitário, a elaboração de pensares reflexivos coletivos acerca da própria prática, só veio a contribuir para que o professor da escola básica pudesse enxergar além dos muros da escola. Muitas vezes, não é apenas a carência de espaço físico, de recursos materiais, de instrumentos, mas também da construção de saberes, do fluxo de ideias que se dá na prática em conjunto, no tecer das redes de ensino; é fundamental não estar sozinho, que o trabalho finde na escola em si.

Nesse sentido, corrobora Sobreira,

as parcerias com as escolas públicas devem ser estimuladas, buscando a superação dos equívocos nas concepções sobre o ensino de música e, portanto, tornando menos problemática a implementação da educação musical. A proximidade com as escolas também se justifica por permitir um modelo de formação docente em estreita conexão com as demandas daquele contexto. (Sobreira, 2008, p. 51).

Em vista desse pequeno recorte a partir da experiência relatada até aqui, é mais que necessário estreitarmos os laços entre o ensino básico e superior, estabelecendo novas conexões com outras áreas, outros saberes, outras propostas pedagógicas mais ativas e direcionadas para a realidade do contexto escolar. A partir desta aproximação é que será possível tecermos essa ampla e complexa rede da qual fazem parte alunos, diretores, professores, funcionários e pais. Somente assim é que poderemos ter o devido reconhecimento e valorização do ensino, principalmente no que diz respeito à educação artística, especificamente o ensino de música como um

direito imprescindível ao ser humano, trabalhando e colocando-se à serviço das necessidades e urgências individuais e sociais. (Fladem, 2002, *apud* Simonovich, 2009).

Conclusão

Nossa postura frente às modificações sofridas pelo PIBID nos levou a dar seguimento ao intercâmbio de práticas, reflexões e saberes através da relação da universidade com a escola básica por meio daquilo que estrutura a universidade, ou seja, o tripé constituído por ensino, pesquisa e extensão. O Edital da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UNIRIO, que oferece bolsas aos estudantes que atuam como colaboradores de extensão, tornou possível contarmos com pelo menos um estudante que dá apoio fundamental a esta relação. Por outro lado, a iniciativa da professora da SME, que ficou à frente das oficinas, estabelecendo parcerias interdisciplinares dentro de sua escola possibilitou, assim, um canal de interlocução entre a UNIRIO e as escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro. Esses foram fatores importantes para atrair alunos de Estágio Curricular Supervisionado e de licenciandos interessados em realizar atividades de extensão nesta escola. O fato de a atividade musical ser bem estruturada, com as aulas regulares de música e as atividades complementares (oficinas) realizadas com apoio do projeto de extensão, é fator que cria um ciclo de realimentação entre o ensino e a extensão, o que acaba por beneficiar a ambos.

Em contrapartida, para o professor de música da escola básica, este vínculo se torna a possibilidade de ampliar sua rede de trocas, tão necessária para o fortalecimento e reconhecimento do ensino musical na formação do aluno, independente da idade escolar. Ainda que haja a oferta, por parte da rede pública de ensino, de cursos de formação para os professores de diferentes áreas, as parcerias estabelecidas com as universidades públicas possibilitam um fluxo contínuo de pesquisas, reflexões e ações práticas que, a longo prazo, são cruciais tanto para o processo de construção do licenciando em música como para a formação continuada do professor da escola básica.

Ao criar uma saída para que as dificuldades econômicas que enfrentamos na educação superior não impedissem a continuidade do trabalho de formação de professores com os pés no chão da escola pública, substituímos a frustração vivida por todos em relação às mudanças nas políticas públicas em Educação, implicadas na diminuição brutal do oferecimento de bolsas de estudo, e a incerteza sobre o futuro do projeto desta escola em uma atitude de resistência. Mesmo em tempos de crise, procuramos manter a crença no valor da música e no entusiasmo dos estudantes em

praticá-la e em compartilhar esta atividade com as crianças. Formar educadores musicais é algo complexo. Percebemos que o nosso papel é criar situações que favoreçam o contato destes estudantes com a comunidade das escolas públicas para que este sentimento se multiplique e revele a todos a potência da música como arte, como forma de expressão do indivíduo, e de construção permanente de identidades culturais. O educador musical deve ser um crítico ativo, indagando-se constantemente sobre suas ações, caso contrário, a ausência de docentes reflexivos pode gerar a médio prazo uma decadência cultural. Logo, o papel do educador deve ser sempre o de propor a inovação, partindo do diálogo com seus alunos, estando atento ao contexto em que estão inseridos.

Referências

- BATRES, Ethel. Normales o anormales? normalidades y anormalidades en la formación del educador musical. **Revista da ABEM**. Londrina, v.19, n.26, p. 11-22, jul/dez 2011. Artigo disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed26/revista26_artigo1.pdf>. Acesso em: 20 de set. de 2020.
- BRASIL, Capes. **Pibid – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência**. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>> . Acesso em: 15 de ago. de 2018.
- BRITO, Teca Alencar de. **Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical**. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- _____. **Música na Educação Infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- _____. FLADEM - Fórum Latinoamericano de Educação Musical: Por uma Educação Musical Latinoamericana. **Revista da ABEM**. Londrina. v.20, n.28, p. 105-117. 2012.
- CESAR, Patricia Kawaguchi ; FELICE, Geovana. **Possibilidades para a música na escola pública: como o Pibid e a Residência Pedagógica facilitam ou não essa inserção**. XI Encontro Regional Sudeste da Associação Brasileira de Educação Musical. São Carlos, 2018. Disponível em: <<http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/sd2018/regsd/paper/viewFile/3239/1782>>. Acesso em: 20 de set. de 2020.
- FETZNER, Andréa Rosana. Interculturalidade nas Escolas: um estudo sobre práticas didáticas no Pibid. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 513-530, abr./jun. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623665337>
- FIALHO, Vania Malagutti. A orientação do estágio na formação dos professores de música. In: MATEIRO, Teresa e SOUZA, Jusamara.(Org.) **Práticas de Ensinar Música**. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. 2ª Edição. São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: FUNARTE, 2008.

FUCCI- AMATO, Rita. **Escola e educação musical: (Des)caminhos históricos e horizontes**. 1ª Edição. Campinas, SP: Papirus, 2012.

LOUREIRO, Alícia Maria Almeida. **O ensino de música na escola fundamental**. 7ª Edição. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MENDES, Adriana do Nascimento Araújo. Uma reflexão sobre os cinco do PIBID-Música Unicamp. In: AYOUB, Eliana; PRADO, Guilherme do Val Toledo; PRODÓCIMO, Elaine (organizadores). **Aprendizados e desafios na formação de professores**. 1ª Edição. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2017. Disponível em: <http://www.ccg.unicamp.br/files/cpfp/pibid/livros/08-PIBID-UNICAMP-livro-volume-7.pdf> Acesso em: 09 de ago. de 2018.

NEVES, Carmem Moreira de Castro. **Apresentação do Relatório de Gestão do LIFE**. Brasília, 2013. Disponível também em: <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/1892014-relatorio-LIFE.pdf>>. Acesso em: 11 de ago. de 2018.

PARO, Vitor Henrique. **Por dentro da escola pública**. 4ª Edição. São Paulo: Cortez, 2016.

PIBID Música UNIRIO. **Banco Audiovisual de Atividades Pedagógicas**. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=Pibid+Música+Unirio . Acesso em: 12 de ago. de 2018.

_____. **Manual de execução de Despesas do PIBID em 2017**. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/05042017-Manual-Externo-Execucao-das-Despesas-Parte-2.pdf>>. Acesso em: 11 de ago. de 2018.

SILVA, Marcos da. **Música e Cultura da Infância: o papel da flauta-doce**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música). UNIRIO. 2016. Disponível em: www.domain.adm.br/dem/licenciatura/monografia/marcossilva.pdf

SOBREIRA, Silvia. Reflexões sobre a obrigatoriedade da música nas escolas públicas. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, v. 20, n. 20, p. 45-52, set. 2008.

_____. **Desafinando a Escola**. 1ª Edição. Brasília: MusiMed, 2013.